

“verão mágico” e outros textos

Júlia Hansen¹

verão mágico

O bom das cidades é que elas não são de ninguém. Mas há os comerciantes do bairro, as velhotas falando dos vasos das outras, existem os prefeitos e os presidentes das câmaras e os policiais que batem nas pessoas e as pessoas que ajudam outras a atravessar a rua. O bom das cidades é que elas não são de ninguém e se abre um fosso, um esguicho nos dias de calor, ou a impossibilidade de dois guarda-chuvas atravessarem um mesmo espaço. O bom das cidades é que elas não são de ninguém e você pode escarrar na boca-de-lobo e latir au-au pro cão dos outros. O bom das cidades é que elas têm na loja ao lado couscous do marrocos, bacalhau da noruega, mandiocas da paraíba e frangos no isopor. Ultracorega. O bom das cidades é que elas não sendo de ninguém, atravessam o espaço, tomam a lua e arquetam a órbita do universo. Enquanto a sirene passa lá embaixo.

deito vinho sobre amarelo

Não tem jeito, não tem lugar que me sinta mais livre do que aqui. Até a entrada de Saturno em escorpião, estou de férias. Numa grande vontade. Grande vontade que não morre, só morre com a morte. Meus gestos mais presos, isto quer dizer mais secos e certos. Sou uma grande bondade de raiz. Misturada com pêlo de nariz e jibóia. É isso que sou. Jibóia jararaca mesmo naja levantando é o povo nesta crise. É como se nos dissessem "o circo não pode parar" só que em vez da palavra "circo" tivessem escrito a palavra "crise".

No entanto transatlântico e aquela euforia se fazendo espuma, espuma de raiva. De repente, no país onde tudo é possível, tudo de repente fica legitimado, deus contra todos, sr. Rocha já dizia. A Hilda veio falar comigo ontem à noite. Ela me disse que tudo é precário. E cheio de banha, pra lambuzar as engrenagens. Da mandíbula que é o músculo mais forte. Não que eu ache que um sorriso custe muito, aliás, um sorriso ainda não custa nada, não é pra economizar sorriso, viu, menina.

Então era madrugada e ela entraria pelos meus poros de terra. Sou como um alho-poró: plantada e cheia de grânulos ao redor das minhas partes. Uns dias atrás fui

¹ Júlia de Carvalho Hansen nasceu em São Paulo, em 1984. Cursou Letras na USP e atualmente conclui o mestrado em Estudos Portugueses pela Universidade Nova de Lisboa. Publicou o livro de poemas "cantos de estima" em 2009.

para o jardim, escrever o poema da espécie, e os cães ladravam em todos os quintais. Considerei então a noite, fiquei sozinha com a imponderável. Ontem, não. Ontem vi os dois lados da madrugada: e, percebendo, escolhi que aquela noite ficaria linda e louca, mas sozinha na dela, que eu ia dormir. Porque se não, madrugada que não te escolhe, te faz entristecer. Talvez esse seja sempre o umbigo da madrugada, e quando a gente tem uma grande noite, que dançar ou gemer ou ler nos deixa tão felizes, é porque transitamos a noite, sem ela nos entristecer (muito).

O dia também, sempre volta, inabordável. A manhã te pede "pausa" e você com um sete de paus na mão, louco - louco pra blefar. Cai na estrada, meu bem, vem comigo. Ando toda nas polaridades e nos contrastes, algo disso há de se tornar desconhecido o bastante pra nomear-se como "seu caminho".

Frederico e os duendes

O que cair no chão
invade o ringue
: salteia, rodopia
feito alho na frigideira
meu coração
quando esparrama
mata bactérias
meu coração fungicida
ontem soube que o Lorca
que a tradição do Lorca
falava em duendes, depois
NY o deixou doente.
Não foi suficiente
para a poesia moderna
nascer & nem morrer.
Eu continuo, prefiro
riscar a cisma
sou tão domada
arisco é o céu
nesse quente-esfria
entre todas as probabilidades
não sou de mais ninguém.